



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANDERSON DALPIAZ PEREIRA

(entrevista)

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-223

Entrevistado/a: Anderson Dalpiaz Pereira

Nascimento: 02/08/1988

Local da entrevista: Biblioteca da ESEF, Porto Alegre

Entrevistador/a: Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior

Data da entrevista: 11/10/2011

Transcrição: Fabiane de Oliveira Batista

Copidesque: Rangele Guimarães Viegas da Silva

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 20 minutos e 10 segundos

Páginas digitadas: 10

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

PEREIRA, Anderson Dalpiaz. *Anderson Dalpiaz Pereira. (depoimento, 2011)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011

Sumário

Movimento de Estudantes de Educação Física; A campanha para a criação do Restaurante Universitário na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; o Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach; Diretório Central de Estudantes; Estratégias de mobilização do movimento estudantil; envolvimento do entrevistado com o Diretório Acadêmico.

Porto Alegre, 11 de outubro de 2011. Entrevista com Anderson Dalpiaz Pereira, a cargo do pesquisador Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C. J. – Nome completo:

A. P. – Anderson Dalpiaz Pereira

C. J. - Antes da campanha RU na ESEF já qual era a tua relação com o Diretório Acadêmico ou com o Movimento Estudantil?

A. P. - Bom com o Movimento Estudantil na verdade nenhuma porque quando eu entrei na faculdade a campanha tava... Quando eu entrei começou a ser tocada a campanha então eu já entrei na campanha vamos dizer assim e como eu tinha um pessoal já conhecido meu que estava entrando no DA e estava querendo participar do DA também então eu já entrei. Já foi uma campanha que vamos dizer assim me tocou, eu participei dessa forma e já achei muito interessante e já comecei a participar dessa campanha. No primeiro ato que a gente fez, acho com duas/três semanas de aula já estava indo tomar a Reitoria lá e estava eu e mais uns quatro/cinco colegas da minha barra, ou seja, bixos da minha época presentes.

C. J. – Qual era a visão que tu tinhas do Movimento Estudantil?

A. P. – Cara não tinha nenhuma visão formada sobre o movimento estudantil, sempre achei que... Algo importante assim, mas nunca tinha participado, nunca tinha... Nunca conhecia ninguém de fato participante do Movimento Estudantil então não tinha nenhuma visão assim vamos dizer formada, assim uma visão boa, visão ruim, enfim. Só que achava que era alguma coisa importante, o pessoal estava lutando por alguma coisa, mas simplesmente isso, nada mais profundo.

C. J. – O que tu sabias sobre o RU da ESEF antes da campanha?

Anderson Dalpiaz Pereira

A. P. – Nada. Como eu tinha entrado aqui eu não sabia que... O cara quando é bixo, o cara... A gente entra meio perdido ainda mais quando o cara entra direito do colégio mas o cara entra, acho na minha opinião, o cara entra meio verde na faculdade. E aí não sabia nada, não... Depois que eu descobri o que é que era o RU, ah comer a um e trinta e tal, legal todo mundo queria comer a um e trinta. Comecei a descobrir que a gente tinha essa opção em todos os lugares menos na ESEF e aí comecei... Me perguntei “Por que é que não tem na ESEF?” e fui atrás da campanha também. A campanha começou a me dar alguns indicativos e eu fui compreendendo porque a importância dessa luta para conquistar o RU.

C. J. – Tu saberias dizer mais ou menos que indicativos foram esses que te fizeram, porque que eram importantes?

A. P. – Ah porque em primeiro lugar, porque que é que tinha em todos os campus menos na ESEF, a ESEF é um campus menos importante que os outros? A gente tinha que pagar a mais do que os outros para comer, a gente era diferente dos outros. Então comecei a pensar o porquê, o que é que está... O que é que tem, vamos dizer, em volta disso para não ter um RU na ESEF? E daí através da campanha a gente viu que não era por falta de demanda, não era porque não ia ter gente para comer, enfim não era, as “desculpas” que eram dadas não eram cabíveis, não tinham lógica, então era alguma outra coisa que estava envolvida com isso aí e aí acho que só através da luta a gente poderia conquistar isso, de braços cruzados e... Depois fiquei sabendo que tiveram outras campanhas anteriores do RU também. Então não era uma, vamos dizer assim, algo que era de agora não, algo que também de dez anos atrás que o pessoal já estava querendo esse RU e não saía nunca do papel o RU.

C. J. – Como que os estudantes da ESEF se alimentavam antes do RU?

A. P. – Aí de várias maneiras. Aí tinha a padoca que o pessoal chama, ia lá e comia um salgado e um refri e gastava cinco reais, quatro/cinco reais, tinha o Fome Zero onde eu ia bastante que era o buffet com uma carne seis pila mais um suco. Enfim, o guarda também comia ali, ou tinha... Logo que eu entrei tinha um restaurante, um bar na ESEF. Também que eram muito caras as coisas mas o pessoal também de vez em quando

comia por ali, ou alguns quando o pessoal estava de carro, (geralmente na faculdade tem pouca gente que tem carro, pouca idade para ter carteira) enfim de repente juntava quatro/cinco e iam para o RU da Saúde para almoçar ou iam para o centro, enfim almoçar em outro RU ou alguma coisa do tipo. Mas sempre acabavam gastando mais do que se tivesse um RU na ESEF como a gente tem hoje.

C. J. – Como foi a tua participação dentro da campanha?

A. P. – Cara acho que foi bastante ativa a minha participação, sempre que tinha os atos eu ia, tentava mobilizar o pessoal que ia comigo, desde o primeiro ato até o vamos dizer o “último” para/da assinatura mesmo, que foi o da ocupação da Reitoria. Então acho que eu estive participando de, que nem eu sempre digo, da maneira que eu pude, sempre que eu estive disponível. Claro nunca deixei de também sempre colocar as coisas em ordem de importância para mim, mas eu acho que o RU sempre foi/teve uma importância muito grande, sempre que eu pude ir eu estive presente nos atos e na ocupação que teve, enfim sempre participando da melhor maneira possível.

C. J. – E no que é que constituía tua participação mais especificamente?

A. P. – Ah eu estava presente, dava algumas opiniões, ia quando tinha as reuniões, participava dos atos, participei da banda Talibã da ESEF - famosa na ocupação da Reitoria - e antes também. Então, acho que minha participação foi bem proveitosa para mim, aprendi bastante com isso e bastante coisa e acho que eu posso dizer que ajudei a levantar, de uma maneira ou de outra, a levantar essas paredes aí do nosso RU.

C. J. - O que é que, qual era o papel da banda Talibã?

A. P. – A gente criava os cantos para, enfim para pedir o RU, para falar com o Reitor, para dialogar, porque é muito mais fácil fazer isso cantando do que tentar alguma pessoa falar ou gritar com megafone, não entende nada. Então uma melodia, uma música é uma coisa que vai repetindo, todo mundo vai cantando, e não tem como não ouvir, não entender, então acho que essa parte da música é algo bem importante. A principal delas “A aa RU na ESEF já” não tem como não entender o que é que está

pedindo na música, ou o que é que quem está cantando quer dizer com isso, está claro que todo mundo quer um RU na ESEF, queria o RU na ESEF e agora a gente tem ele aí. Acho que a música tem esse papel de reforçar e de fazer esse diálogo com quem não está por dentro, não sabe o que está acontecendo, de ouvir e entender o que é que está sendo pedido.

C. J. – Quais os pontos da campanha tu acredita que foram os mais importantes para o sucesso da mesma?

A. P. – Acho que os atos que a gente foi fazendo de acordo com o tempo, incluindo nisso os atos-almoço que acho que foram importantes também para realmente mostrar que havia a demanda necessária. E toda a campanha com adesivos, camisetas acho que foi muito importante porque foi bem divulgado. As outras campanhas, pelo que eu tinha ficado sabendo depois, não tinham, foram campanhas que foram feitas, mas não foram tão divulgadas assim. Acho que essa campanha com camisetas, “Quem não tem uma camiseta daquela época, quem não tem uma camiseta da campanha do RU?”. Eu tenho três camisetas em casa, adesivos, enfim tudo isso aí. Aonde o cara ia via o adesivo do RU, via uma camiseta do RU, o pessoal ia jantar e almoçar nos outros campus com a camiseta do RU da ESEF, o pessoal ia pra Reitoria com a camiseta do RU ou então com adesivo. Então foi algo que foi bem divulgado, bem difundido, quem estudava na UFRGS sabia da campanha RU na ESEF, acho que isso foi bastante importante para o sucesso da campanha.

C. J. – E os atos-almoço como é que eles aconteciam?

A. P. – O pessoal do Diretório geralmente organizava um carreteiro ou alguma coisa do tipo, um arroz com alguma coisa lá e fazia e oferecia gratuitamente para o pessoal que queria almoçar e para demonstrar, porque havia a tal demanda que tanto diziam que não tinha para que houvesse o RU na ESEF. Então, não lembro qual a quantidade, mas mais do quem cem almoços eram servidos, tranquilamente, por dia quanto tinha esses atos. Só isso aí quando a gente tinha apenas um curso aqui, hoje temos três, então se quando tinha um curso já havia demanda tranqüila para se fazer o RU, como foi feito.

C. J. – Esse primeiro ato que tu citaste antes, que foi em 2006, como é que foi a participação dos estudantes da ESEF nele?

A. P. – Que eu me lembre a gente foi, o pessoal foi passando nas salas e avisando que teria um ato para o RU para... Acho que foi o primeiro ato, (não sei, se estiver enganado me corrige), acredito que foi o primeiro ato mesmo dessa campanha para o RU. E aí fomos passando de sala, foi um diálogo rápido dizendo o que é que a gente queria e tinha um ônibus, foi disponibilizado um ônibus e foi, foi bastante gente daqui da ESEF, bixos, semi-bixos, o pessoal que na época era mais novo. E participação foi de estar lá, de ver que tinha bastante gente não só da Educação Física mas de outros cursos também, tinha outras reivindicações não só do RU da ESEF (mas uma das principais era o RU da ESEF). E a gente participou lá observando, cantando, gritando, estando presente que é o mais importante para que o pessoal veja que a gente está a fim mesmo desse RU.

C. J. – E como é que tu vias a participação da comunidade da ESEF em geral, os professores, os servidores?

A. P. – Bah, dificilmente a gente via um professor, um servidor. Alguns até liberavam das aulas, alguns professores eram mais gente fina, mas a grande maioria não tinha essa preocupação com o RU. E até a gente comentava alguns “Ah, pô! Quero ver o dia que sair o RU se eles vão almoçar lá” e hoje eles estão todos lá, almoçando no RU. Faz parte, acontece, não quiseram ajudar dessa maneira. Claro que o cara não dar aula, dizer para o cara “Não vai, não dá aula” pode ser um troço meio complicado, mas de repente tentar liberar os alunos, dar algum apoio, de alguma... Não precisa nem, às vezes não quer liberar, não libera, mas dá um apoio de alguma outra forma para a campanha. Uns eram até contrários à campanha e aí hoje os caras estão almoçando lá, mas acontece.

C. J. – Desses professores que eram contrários, tinha alguma ação que eles faziam, alguma coisa que marcou?

A. P. – Não, eles repudiavam só essa campanha. Agora assim de cabeça não vou lembrar se tinha alguma ação, alguma coisa mais pontual deles, mas eu sei que eles

eram contrários a campanha, não eram favoráveis à campanha do RU, não davam nenhum apoio. Então, dessa forma acho que não me lembro de nenhuma ação mais pontual deles assim, mas por serem contrários mesmo à campanha, não estarem de acordo com o que a campanha propunha.

C. J. – E teve algum professor que participou de algum ato, de algum...?

A. P. – Ah não me lembro, não me lembro mesmo. Que eu me lembre não, mas como eu era mais novo na ESEF talvez algum professor que eu não conhecia, assim não lembrasse e hoje eu conheça. Mas na época não me lembro deles participando, então não lembro se teve algum professor participando do ato mesmo.

C. J. – Como é que tu participaste da ocupação de 2007?

A. P. – Particpei não o tempo inteiro mas eu estive lá por alguns minutos, algumas horas lá. Eu estive presente na ocupação lá, inclusive no momento que ela encerrou, que foi quando o Reitor assinou e foi digno e vestiu a camisa do RU que foi no dia da ocupação, ou estou errado?

C. J. – Acho que foi antes.

A. P. – Foi antes, e depois foi a ocupação.

C. J. – Isso.

A. P. – Nesse dia que ele vestiu a camiseta eu estava lá e no dia da ocupação, eu também estava lá, quando a ocupação encerrou. Não cheguei a passar a noite lá, mas passei algumas horas antes na Reitoria.

C. J. – E o que é que tu viste na ocupação?

A. P. – Ah vi os estudantes mobilizados, tinha bastante gente. O pessoal dormindo lá e reivindicando cada um, não só pelo RU, mas cada um pelas suas propostas. E agora eu

não vou lembrar como é que foi o final dela, mas eu lembro que eu estava quando terminou. Não vou lembrar mesmo, mas eu estava presente lá.

C. J. – Teve algum momento que tu chegaste a pensar que o RU não iria sair?

A. P. – Acho que não, porque cada vez que eles diziam que não ia sair a gente ia lá e brigava para que saísse de novo e buscava, fazia mais algum ato, mais alguma coisa. E nunca... Não me lembro de ter dito: “Ah não vai sair por isso, isso e isso”. Diziam: “Ah não vai sair” mas daí a gente ia lá de novo, daí eles “Ah, pois é não tem não sei o que” mas a gente derrubava essa desculpa deles, daí eles vinham com outra e a gente derrubava de novo. Então acho que nunca teve alguma coisa que dissesse “Ah não vai sair por isso” e nós “É verdade, eles têm razão, não vai sair por isso mesmo”. Nunca teve um momento que chegou nesse ponto assim de “Realmente os caras estão certos, não tem por que ter RU então não vai ter”, a gente sempre tinha algo que derrubasse com a desculpa que eles colocavam como argumento deles. A gente sempre argumentava uma coisa que acabava derrubando tudo o que eles tinham falado, então não tinha porque não sair o RU. Acho que isso aí é o grande ponto, que eu nunca vi que o RU “Não vai sair mesmo RU”, porque não tinha motivo para não sair, todos os motivos levavam a crer que tinha que sair o RU e hoje está aí mais do que provado que se não tivesse o RU como é que ia estar isso aí tudo hoje.

C. J. – Como é que tu enxergavas o papel do Diretório Acadêmico com relação à campanha?

A. P. – Acho que o Diretório Acadêmico era quem tocava a campanha principalmente, então o papel era importantíssimo de fazer, de puxar campanha, de organizar a campanha. Acho que era junto com o DCE¹ que era feita essa campanha, então o Diretório Acadêmico tinha essa relação com o DCE na época e era o principal tocador da campanha. Se não tivesse o Diretório Acadêmico tocando a campanha não sei se teria a campanha se tocado e se a gente teria o RU. Acho que foi um papel importantíssimo.

¹ Diretório Central de Estudantes

C. J. – E qual ponto tu achas que foi fundamental para que a campanha obtivesse esse resultado?

A. P. – É eu falei um pouco com relação a isso antes. Acho que foi a divulgação e os atos, são os dois pontos principais. A divulgação que foi feita da campanha e os atos que foram feitos para mostrar, como eu disse, para mostrar que os argumentos que eles colocavam não tinham cabimento. Então acho que quando tu queres reivindicar tu tem que ter argumentos suficientes para que tu coloques essa tua reivindicação importante e que derrube com os argumentos de quem diz que tua reivindicação não é importante. Então acho que fazendo isso aí, mostrando que tínhamos todas as condições para ter o RU, que não tinha nenhuma condição contrária a ter o RU, acho que com isso aí a gente ganhou o RU, e não tinha... E com a luta é claro, lutando e colocando isso aí não tinha porque não ter RU, acho que isso foi importante.

C. J. – Qual é a tua visão sobre o Movimento Estudantil depois da campanha?

A. P. – Acho que a campanha, na minha opinião, foi o ápice do Movimento, no sentido aqui da ESEF mais especificamente. Depois da campanha acabou caindo um pouco, o pessoal não mobilizava um pouco, vai alguma coisa, mobilizava... Agora a gente tem uma mobilização para a janta que foi legal também, mas acho que nada vai se comparar, pelo menos no período em que eu estive aqui, à mobilização para o RU da ESEF que... Acho que até em relação à UFRGS, acho que talvez foi uma das maiores mobilizações que já foram feitas para conquistar alguma coisa e com sucesso. Acho que talvez tenha alguma queda depois, algumas divergências também no movimento, algumas brigas, algumas coisas do tipo que aconteceram que talvez também acabaram dividindo toda aquela união que tinha na época do RU. Algumas pessoas foram para um lado, outras para outro, enfim acho que está um pouco mais enfraquecido do que estava na época, não que esteja fraco o Movimento, acho que está legal mas acho que o ápice mesmo foi quando estive na época da campanha do RU.

C. J. – E qual é o acúmulo que tu vêes que ficou da campanha para o Movimento Estudantil?

A. P. – Acho que principalmente a vitória e a luta que teve, e a obtenção da vitória com essa luta, isso acho que foi o mais importante porque se a gente não tivesse lutado, *lutado, lutado*, e não tivesse ganho ia ficar, vamos dizer assim, ia ficar um negativo dessa campanha. E como foi uma campanha que deu muito certo, o pessoal se empenhou mesmo, todo mundo pegou junto, e foi uma campanha vitoriosa então acho que esse foi o principal. Aquela frase “Se tu lutas, tu conquistas” então a gente lutou e conquistou, acho que foi o mais importante. Com a luta e com a organização a gente pode conquistar muita coisa. Agora se não tiver organização, se não tiver união aí já fica mais complicado, acho que isso aí foi o principal mesmo, a conquista pela luta.

C. J. – Hoje qual é a relação que tu tens com o Diretório Acadêmico?

A. P. – Ah praticamente a mesma relação que eu tinha na época, até talvez um pouco melhor porque agora conheço mais o pessoal, como eu estou saindo então todo mundo que tem no Diretório eu conheço, o pessoal que está ali. Naquela época talvez não conhecia tanto, acho que a minha relação já... Eu sempre tive uma relação boa, sempre participei, sempre que possível pra mim. Nunca fui do Diretório Acadêmico, mas sempre participei das discussões e dos encontros, sempre que para mim era possível. Claro, nunca concordei com tudo o que foi dito, mas também nunca discordei de tudo o que foi dito, tenho minha opinião formada. Sempre que possível eu coloco a minha opinião nas discussões e acho que para mim também foi bem proveitoso assim esse período de crescimento principalmente.

C. J. – Tem mais algum ponto que tu acha importante colocar sobre a campanha, sobre o tema?

A. P. – Não. Eu acho que finalizando assim, realmente a campanha foi bem feita, bem organizada. Deu praticamente, não vamos dizer perfeita porque nada a vê, mas foi perto da perfeição assim porque tudo foi feito conforme tinha que ser feito e mesmo assim as coisas ainda demoraram a acontecer. Mas acho que nós conseguimos atingir nosso principal objetivo que era o objetivo de muitos anos atrás, uma reivindicação antiga já da comunidade da ESEF. Tem gente que entrou, brigou pelo RU, saiu e não almoçou no

RU e muito menos jantou no RU, então, mas deixou esse legado para a comunidade esefiana. Tem gente que entra hoje na faculdade e não faz nem idéia do que se passou para que se conseguisse esse RU, o cara vai ali, almoça e vai embora. E simplesmente não sabe tudo que foi passado, toda a luta que teve para conquistar isso aí, talvez acho que seria legal fazer alguma retrospectiva, alguma coisa assim, não uma campanha mas sei lá quando forem dialogar com o pessoal que está entrando na universidade mostrar para eles o que é que a gente fez para que se chegasse naquele RU que eles hoje estão ali almoçando. Já que às vezes o pessoal não dá muita bola para o movimento estudantil, enfim não sabe tudo que se passou, acho que se tivesse isso aí talvez o pessoal valorizaria um pouco mais porque muita gente tem até preconceito com o Movimento Estudantil então talvez sabendo disso que aconteceu houvesse uma valorização um pouquinho maior.

C. J. – Tem mais algum elemento que tu queiras colocar?

A. P. – Não, acho que seria só isso.

C. J. – Podemos concluir então?

A. P. – Uhum.

C. J. – Então me deixa finalizar.

[FINAL DA ENTREVISTA]